

Henrique Belache Kugler

Iniciação Científica (UFPR/TN)

Abril/2010 – Agosto/2010

Projeto “Mídia e Amazônia: o discurso internacional sobre o tema”

Relatório apresentado à Coordenadoria de Iniciação Científica e Integração Acadêmica da Universidade Federal do Paraná por ocasião da conclusão das atividades de Iniciação Científica - Edital 2009-2010.

Myrian Regina Del Vecchio de Lima / Departamento de Comunicação Social

Mídia e Amazônia: o discurso internacional sobre o tema

BANPESQ/THALES: 2009023531

Curitiba

2010

1 – TÍTULO

Mídia e Amazônia: o discurso internacional sobre o tema

2 – RESUMO

Uma das formas de construção social do conhecimento científico-ambiental se concretiza pela difusão midiática em seu âmbito jornalístico, formatando um discurso produtor de sentidos para a sociedade; por outro lado, a Amazônia é uma referência mundial — quase todo mundo já ouviu falar dessa região do planeta; entretanto, mesmo entre os brasileiros, poucos a conhecem bem — afinal, trata-se de uma área imensa e ainda pouco acessível. A formação e disseminação de conceitos e representações sobre a Amazônia se devem quase que exclusivamente à mídia, que desde os anos 1990, permite que a visibilidade da região na sociedade internacional se apresente historicamente inédita. Esta pesquisa buscou identificar de que forma a mídia impressa internacional representa a Amazônia. A escolha do recorte internacional se justifica pelo fato de os receptores terem menos possibilidades de comparar o discurso midiático com experiências pessoais, fazendo com que este tenha maior influência sobre a opinião pública. O planejamento da pesquisa previu uma análise quantitativa, que permite fazer conclusões generalizantes, e outra qualitativa, mais detalhada. Até agora, só foi realizada a primeira abordagem. Assim, esta parte inicial do estudo destacou aspectos do discurso sobre a Amazônia, pela análise de textos coletados em três veículos impressos e virtuais: *The New York Times* (Estados Unidos), *The Times* (Inglaterra) e *Le Figaro* (França). Identificaram-se 523 matérias, publicadas de 1º de janeiro de 2007 a 31 de dezembro de 2009, coletadas nos arquivos online dos veículos, por meio de palavras-chave. Descartaram-se textos considerados irrelevantes, chegando-se a 108 matérias que trazem a Amazônia como tema central. Deste *corpus* foram identificados os seguintes elementos em cada texto: jornal, título, data, autor, origem geográfica, gênero jornalístico, tamanho, editoria, tema, fontes e presença de imagens. Das 108 matérias em que a Amazônia é tema central, 68,5% são do *The New York Times*; 23,1% do *The Times*; e 8,3% do *Le Figaro*. Eis alguns dos principais resultados: 1) 44,4% das matérias foram produzidas em países sul-americanos onde se localiza a Amazônia; 2) Ao todo, 360 fontes foram ouvidas pelos três jornais: 82,2% pessoais; 9,7% institucionais e 8% documentais; quanto às fontes pessoais, destacaram-se quatro categorias: cientistas (23,3%), autoridades governamentais (18,9%), ambientalistas (15,2%) e moradores locais (9,1%); 3) Os temas mais recorrentes são: conflitos socioambientais (27,7%), cultura regional (15,7%), degradação natural (19,4%), pesquisa científica (12%), políticas públicas (12%) e turismo (5,5%). Com base nestes resultados, observa-se que a

Amazônia é vista como palco de conflitos socioambientais; e que o interesse pela cultura regional emerge de forma notável, em especial com relação aos povos indígenas. Observa-se que mais de metade (56%) das matérias sobre a Amazônia foi produzida fora do seu território. Isto é, a maioria dos textos foi produzida por jornalistas que não vivenciaram pessoalmente a realidade sobre a qual escreveram.

3 – OBJETIVOS

3.1 GERAL

Analisar aspectos do discurso socioambiental sobre a Amazônia evidenciados nas matérias jornalísticas publicadas na imprensa internacional, de forma a desvendar como ocorre parte da construção do imaginário internacional sobre a região.

3.2 ESPECÍFICOS

- Levantar, organizar e classificar textos jornalísticos sobre a Amazônia disseminados por determinados veículos impressos e virtuais da mídia internacional;
- Analisar aspectos desses discursos jornalísticos que permitam verificar a construção da ‘imagem internacional sobre a Amazônia’;
- Verificar que tipologias de discursos emergem destes textos.

4 – INTRODUÇÃO

Na complexa trama da atual discussão socioambiental global, a Amazônia se desvela como um florescente cenário de representações sociais – seja como conceito de um universo distante, mitologia de um não-lugar idealizado ou, por vezes, como um mosaico multiforme arranjado em fragmentos de realidade. A região amazônica é conhecida, em geral, como um grande palco de biodiversidade, um remanescente ecológico ímpar que sustenta a vida em suas inumeráveis formas de exuberância. É, por notória excelência, a grande floresta brasileira ameaçada pelo fantasma do desmatamento. Mas definir a Amazônia limitando-se aos aspectos imediatos de seu papel ecológico é convidar-se a tomar parte num ledor engano. A cobertura vegetal por si só não basta para caracterizar um território tão múltiplo e heterogêneo.

A Amazônia é um bioma complexo, localizado na porção setentrional da América do Sul, abrangendo territórios de dez países – Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Peru, Suriname e Guiana Francesa. Para descrever tão vasta região, altas cifras são inevitáveis. Em tal porção da biosfera tudo parece ser colossal. A começar pela área: são quase 8 milhões de km², área semelhante à da Austrália, o sexto maior país do mundo. Apenas na porção brasileira, são mais de 4

milhões de km². Considerando, porém, o conceito de Amazônia Legal¹, esse número ultrapassa 5 milhões de km², o equivalente a cerca de 60% do território brasileiro.

Na Amazônia está um terço das florestas equatoriais remanescentes no planeta. Deduz-se que ela abrigue de 25% a 40% das formas de vida da biosfera. Vale lembrar que “esse número adquire um valor virtual ainda mais impressionante quando lembramos que o desconhecimento sobre sua biodiversidade é grande”². Em verdade, é inegável a ignorância da ciência em vista do incontável número de espécies ainda não identificadas. O principal rio desse bioma, o Amazonas, é o mais caudaloso do mundo, com 6,5 milhões de km². Tamanha quantidade de água tem influência direta sobre o clima – temperaturas e umidade altas, frequentes chuvas torrenciais. Em consequência, o solo é, em geral, quimicamente pobre, impróprio para agricultura. Apesar disso, de 1996 a 2006, a área destinada à lavoura na região Norte, onde se localiza a maior parte da Amazônia brasileira, cresceu 275%.

A região amazônica é também o lar de inumeráveis culturas, povos tradicionais e até mesmo centros urbanos³ em acelerado crescimento. Assim, ela torna-se alvo de múltiplos interesses do capital privado e das instituições governamentais e do terceiro setor, um palco de disputas entre ideologias as mais variadas, um lugar tão complexo e heterogêneo em termos sociais e econômicos quanto o é em termos biológicos.

Uma das questões mais polêmicas que envolvem a Amazônia é a sua internacionalização. Há mais de duas décadas, diversos grupos apontam esta como a única possibilidade de preservar o patrimônio ecológico que representa a floresta. Apesar das críticas a essa proposta, já se percebe uma transformação sutil nesse sentido: partes do território estão em poder de entidades estrangeiras, como organizações não governamentais (ONGs) e proprietários particulares.

Dada a grande especulação global sobre a região, propomos uma observação, com base em dados empíricos, das imagens que a mídia internacional constrói sobre a Amazônia. Os jornais impressos diários, que têm grande visibilidade, prestígio e desempenham papel fundamental na formação e legitimação de representações sociais, são o foco desta pesquisa.

¹ O conceito de Amazônia Legal, criado em 1966, refere-se à área brasileira que engloba Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Rondônia, Amapá, Maranhão, Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Essa divisão não se baseia apenas em critérios geográficos, pois, na época de sua definição, o governo concedia benefícios fiscais para acelerar o desenvolvimento socioeconômico da região. Isso motivou a inclusão de outras regiões além das que de fato abrigam o bioma amazônico.

² PÁDUA, J.A. **Biosfera, história e conjuntura na análise da questão amazônica**. In: História, ciência, saúde – Manguinhos. Vol. 6, Rio de Janeiro, Set 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702000000500003&script=sci_arttext&tling=pt>. Acesso em: 03/09/2009.

³ Na Amazônia, segundo DAVIS (2006, p 27), uma das fronteiras urbanas que crescem com mais velocidade em todo o mundo, 80% do crescimento das cidades tem-se dado nas favelas,

Além da questão ambiental, que outros aspectos são abordados pela mídia? Quais são as fontes de informação consultadas? Qual é o espaço que esse material recebe nos jornais impressos diários? As respostas preliminares a essas perguntas foram obtidas por meio de uma análise quantitativa e a revisão bibliográfica de teorias do jornalismo e da sociologia da comunicação acerca da influência midiática na produção de sentidos.

5 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Uma visão simplista da Amazônia tem perdurado durante toda a sua história, estimulando a inserção de políticas que causaram desastres sociais e ecológicos. “O povoamento da Amazônia a partir da colonização se fez sempre em surtos devassadores vinculados à expansão do capitalismo mundial” (BECKER, 2000, p. 11). O primeiro atrativo natural aos europeus foram as drogas do sertão – plantas nativas usadas como condimentos ou matéria-prima para a fabricação de medicamentos. Em maior proporção, houve depois o ciclo da borracha, cujo auge deu-se no final do século XIX e no início do século XX. Com sua decadência, vieram frentes espontâneas, principalmente de nordestinos, em busca de um lugar para exercer atividades agropecuárias e de extração mineral.

Mesmo com a realização dessas atividades e a presença de povos indígenas há séculos na região, o desmatamento não era uma problema: no início dos anos 1970, apenas 1% da floresta havia sido danificada. No entanto, passadas apenas quatro décadas, a destruição da vegetação nativa atingiu quase 20% da Amazônia, motivo para se tornar uma questão relevante na agenda midiática e pública internacional. “O avanço da fronteira é marcado pelo desmatamento, pela degradação dos recursos naturais e pela violência rural” (CELENTANO e VERISSIMO, 2007, p. 7). Isso, porque, segundo Celentano e Veríssimo, como predomina a ocupação predatória, os ciclos alternam rápido crescimento e colapso. A pecuária, atividade simbiótica à madeireira, é uma das causas centrais do problema. Mais recentemente, a monocultura da soja na região, também intensifica a gravidade da questão.

O quadro socioambiental da Amazônia contemporânea foi, em grande parte, configurado pelas estratégias de colonização promovidas durante o governo militar brasileiro (1964-1985). A doutrina reinante era a de ocupar aquele imenso vazio demográfico, que se apresentava como um promissor horizonte para o projeto desenvolvimentista. Em poucos anos, a paisagem recebeu elementos até então desconhecidos dos nativos, como hidrelétricas e estradas pavimentadas. Ignoravam-se as possíveis conseqüências ambientais de uma ocupação mal planejada.

Ao mesmo tempo em que se inseriam dinâmicas econômicas modernas na região, proclamava-se a inexistência dos interesses dos grupos sem voz que há séculos habitavam a Amazônia. Indígenas, seringueiros, castanheiros, babaçueiros e muitos outros tiveram sua soberania colocada em xeque diante do novo progresso. Conflitos territoriais se alastraram. De um lado, pequenos proprietários com suas terras de subsistência; de outro, grandes fazendeiros e pecuaristas com seus interesses mercadológicos – munidos inclusive de milícias armadas, com jagunços e capatazes, para afirmarem seu poderio sobre o território. Entravam em cena também empreendedores de mineradoras e hidrelétricas. A terra estava no centro dos conflitos.

Mais recentemente, em sentido contrário ao cenário geral, ainda que de forma discreta, um novo paradigma se anuncia para a região. A legislação brasileira já prevê a existência de reservas extrativistas e outros pequenos avanços que despontam na esfera política. Aos poucos, começa-se a entender que o saber milenar dos povos nativos deve estar associado ao uso responsável das riquezas da região

A visão da sociedade global sobre a Amazônia é profundamente marcada por um imaginário construído pelas chamadas representações sociais, as quais são, por sua vez, são conformadas, de forma significativa, pela mídia internacional.

5.1 Representações sociais

Em uma sociedade, emergem inúmeras perspectivas sobre determinada realidade, uma vez que a experiência que as pessoas têm do mundo pode ser considerada, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva. Não se consegue conhecer a natureza objetiva das coisas, apenas construir uma ideia a partir de como elas se mostram. Tais perspectivas acerca do objeto podem inscrever-se no que se chama de representações sociais, que nascem da comunicação intersubjetiva e, simultaneamente, tornam possível a realização dessa comunicação.

As representações sociais são produzidas na interação entre sujeitos e influenciadas por tempo, espaço e interesses. JOVCHELOVITCH (1998) propõe, para entender como questões sociais aparecem nas representações, o estudo sistemático destes pontos acerca do sujeito: quem é ele; seu objetivo; o momento histórico em que constrói as representações; o contexto social em que isso acontece. Por isso, é importante descrever nesta pesquisa não só o objeto (a Amazônia), mas também o sujeito (os discursos jornalísticos), bem como onde, quando e como isso foi produzido.

As representações sociais têm quatro funções, segundo o antropólogo GODELIER (1981). Elas *apresentam* ao pensamento diversas realidades (concretas ou imaginárias, interiores ou exteriores). Esse ato nunca está desvinculado da *interpretação* da realidade, isto é, representar é também desenvolver explicações

sobre a natureza, a origem e o funcionamento de um objeto. A partir disso, o pensamento *organiza* relações entre pessoas e dessas com a natureza do objeto representado e as *legitimam* ou não. Por meio das representações sociais, produz-se sentido. A última função caracteriza as representações ideológicas, que Godelier define como representações ilusórias “que ‘legitimam’ uma ordem social existente nascida sem elas, fazendo assim aceitar as formas de dominação e de opressão do homem pelo homem que esta ordem contém e sobre as quais repousa” (GODELIER, 1981, p.180). As relações de dominação ocorrem pela partilha de representações sociais. Logo, para estabelecer um poder, é preciso haver um discurso que dominadores e dominados reproduzam.

Para Durkheim, o primeiro autor a empregar e definir o termo ‘representações sociais’, elas “não são dadas *a priori* e não são universais na consciência, mas surgem ligadas aos fatos sociais, transformando-se, elas próprias, em fatos sociais passíveis de observação e de interpretação” (MINAYO, 1995, p. 90). Segundo ele, não podem ser falsas, porque os símbolos empregados respondem à existência humana e, além disso, “uma representação social, por ser coletiva, já apresenta garantias de objetividade” (MINAYO, 1995, p. 107). Já Weber relaciona representações sociais a “visões de mundo” e afirma a autonomia delas. “A vida social [...] é carregada de significação cultural. Essa significação é dada tanto pela base material como pelas ideais, dentro de uma relação adequada, em que ambas se condicionam mutuamente” (MINAYO, 1995, p. 92-93). A dialética marxista segue nessa linha de raciocínio ao defender que representações, produtos da consciência, são determinadas pela base material, ou seja, pelas condições de classe (materialismo histórico). “As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes colocadas como ideias gerais, comuns e universais de todos os membros da sociedade” (MARX, 1984 *apud* MINAYO, 1995, p. 99). Lukács acrescenta que as representações sociais são um modo de o indivíduo se integrar à vida social.

Independente da corrente teórica, há o consenso de que as representações sociais são mediadas pela linguagem. Segundo o filósofo Pierre Bourdieu, a fala, enquanto representante do pensamento, revela sistemas de valores. “A palavra é arena onde se confrontam interesses contraditórios, veiculando e sofrendo os efeitos das lutas das classes, servindo ao mesmo tempo como instrumento e como material (BAKHTIN, 1986 *apud* MINAYO, 1995, p. 110). Trata-se de um fenômeno ideológico que pode ser observado nos discursos produzidos por determinadas sociedades, tal qual será analisado nos conteúdos veiculados na mídia internacional em pesquisa qualitativa na sequência desta primeira etapa quantitativa de pesquisa..

5.2 As notícias no jornalismo impresso diário

Por mais que o jornalismo seja encarado como um instrumento de exercício da democracia, o fato é que os meios de comunicação são empresas e, como tais, devem dar lucros a seus donos. A matéria-prima trabalhada são os acontecimentos. O produto ofertado ao público são as notícias, elaboradas numa rotina praticamente industrial, a fim de serem ofertadas em abundância, e de forma cada vez mais rápida, e com determinado padrão de qualidade. A partir do século XIX, com a profissionalização do jornalismo, consolidou-se o mito de que o repórter era um observador neutro, habilitado para separar os fatos das opiniões e expressar apenas os primeiros em seus textos. Na prática, existe um acordo informal que estabelece critérios para apontar os acontecimentos potencialmente noticiáveis – relevância, proximidade, notoriedade do protagonista, novidade, atualidade, conflito, infração, acontecimento inesperado e notabilidade são alguns daqueles que TRAQUINA (2004, p. 79-93) enumera. Apesar disso, nenhuma pessoa é um observador neutro; e o jornalista não é diferente. Quando este seleciona, exclui e acentua diferentes aspectos do acontecimento, ele também constrói a realidade.

Embora lidem com a verdade, as notícias não devem ser vistas como um espelho da realidade. Há influências ideológicas, econômicas e institucionais sobre a determinação dos recortes. Isso se explicita no trabalho do *gatekeeper*, isto é, o editor que usa critérios pessoais e intuitivos para definir o que entra e o que sai no jornal do dia. Por isso, é questionável afirmar a existência de objetividade no jornalismo. As influências não se refletem apenas na seleção dos acontecimentos, mas também na abordagem desses: na relação entre textos e imagens; no tipo de linguagem; no gênero textual; na parcialidade ou imparcialidade (VERDÙ, 1998, p. 149-157).

Na feitura de jornais diários, há poucas horas entre a elaboração das pautas e a impressão das páginas. Para viabilizar esse produto, os jornalistas lidam com o imprevisível e colocam ordem no espaço-tempo. Criam rondas de busca por informações ‘quentes’ (aquelas que atendem a vários critérios de noticiabilidade), cultivam fontes de informação ou adquirem material de agências de informação – instituições públicas ou privadas espalhadas em diversos pontos do mundo que figuram como uma opção prática e econômica para realizar coberturas distantes.

Essa corrida contra o tempo justifica em parte o fato de o jornalismo diário dar maior ênfase a acontecimentos do que a problemáticas. Para Barbara Phillips⁴, o jornalista está sempre atento a mudanças, mas não estabelece, de modo genérico, relações entre os fatos. Ela usa a seguinte metáfora para descrever essa perspectiva

⁴ PHILLIPS, Barbara. Novidade sem mudanças. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

de trabalho: “o resultado, tanto nos *media* noticiosos escritos como nos eletrônicos, é um efeito de mosaico, um caleidoscópio de formas da realidade superficial em contínua mudança” (TRAQUINA, 1999, p. 328). Com a crise do jornalismo impresso diário, diante do avanço do jornalismo na Internet, esse cenário começa a mudar. Algumas publicações de renome têm aumentado o peso de artigos mais opinativos e analíticos. Contudo, ainda é cedo para observar um padrão.

A reconstrução midiática da realidade também se reflete na relação entre repórter e fontes de informação. O jornalista tende a dar mais espaço às autoridades, que conferem credibilidade ao texto. É esse seleto grupo que estabelece o limite do debate. Grande parte da população só ganha voz quando quebra a ordem da organização social – por meio de protestos, piquetes, crimes etc. “As estruturas hierárquicas de comando e de revisão, a socialização informal em papéis institucionais, a sedimentação de ideias dominantes na ‘ideologia profissional’ – todos ajudam a garantir, nos *media*, a sua reprodução continuada na forma dominante” (TRAQUINA, 1999, p. 231). Em resumo, a mídia contribui para a legitimação da hierarquia social estabelecida.

Existe uma hipótese bastante célebre nas teorias do jornalismo que atribui à mídia a capacidade de agendar quais assuntos serão debatidos na esfera pública, como e por quem (*agenda setting*). “A mídia, ao nos impor um menu seletivo de informações como sendo ‘o que aconteceu’, impede que outros temas sejam conhecidos e, portanto comentados. Ao decretar seu desconhecimento pela sociedade, condena-os à inexistência social” (BARROS FILHO, 1995, p. 170). Os assuntos elencados nos jornais são pautados em três níveis: fontes externas de notícias, normas sociais e tradições do jornalismo e meios de comunicação (SOARES, 2009, p. 51-52). Em consequência desse último, ocorre certa homogeneização nas notícias de diferentes veículos.. Em suma, as notícias criam um quadro de referência para a maioria da população, dão indicações de interpretações dos acontecimentos e, assim, tornam o mundo inteligível a esse público.

O conceito de enquadramento (*framing*), oriundo da Sociologia, foi incorporado às teorias da comunicação para se referir à construção de representações sociais pela mídia. Isso acontece de duas formas nas notícias: como esquemas de processamento da informação e como características do texto. “Nesse caso, os enquadramentos residem nas propriedades específicas da narrativa noticiosa que encorajam percepções e pensamentos sobre eventos e compreensões particulares sobre eles” (SOARES, 2009, p. 57). As notícias evocam representações sociais por palavras, conceitos e imagens, sendo a seleção e a saliência fatores centrais nesse processo.

5.3 Jornalismo internacional

Outro segmento do jornalismo é o internacional. Há quem diga, aliás, que a imprensa nasceu internacional. Criada no contexto da ascensão burguesa dos séculos XVII e XVIII, ela serviria primordialmente para informar os banqueiros europeus sobre os acontecimentos do exterior que poderiam impactar seus negócios. A internacionalização plena da imprensa se deu, de fato, a partir do século XIX, época de inovações tecnológicas nas comunicações, como o telégrafo. Sendo possível a comunicação à distância, não tardou para que os mecanismos de produção noticiosa adquirissem caráter internacional.

As agências de notícias se destacaram já nesse período. A primeira foi a francesa *Havas* (que existe até hoje, com o nome de *Agence France-Presse*), fundada em 1835. Um dos sócios deixou a empresa para fundar a *Reuters*, em território britânico. Anos mais tarde, os principais jornais norte-americanos se uniram para fundar a *Associated Press*. Atualmente, o panorama do jornalismo internacional é de um oligopólio: menos de dez agências em todo o mundo gerenciam o fluxo de informações intercontinentais que se disseminam nas redes de comunicação globais. As novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) vieram acelerar este panorama, conectando ainda mais os fluxos de comunicação midiática de forma que, na maioria das vezes, veículos de diversos países reproduzem discursos jornalísticos muito semelhantes, que representam as idéias e posições dominantes, e que moldam e remoldam as representações sociais sobre a realidade e os objetos do mundo.

6 MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em seis etapas: 1) revisão bibliográfica; 2) coleta de material; 3) leitura de reportagens e delimitação do *corpus* estudado; 4) levantamento e tabulação de dados quantitativos; 5) elaboração de gráficos; 6) análise e interpretação dos gráficos.

Para a delimitação do *corpus*, definimos primeiramente os recortes geográfico e temporal para a coleta de matérias. Os países contemplados foram Estados Unidos, França e Inglaterra, devido à sua influência econômica, política e cultural no mundo. Selecionamos veículos que respondiam aos seguintes critérios: circulação nacional; arquivo gratuito no site correspondente; e existência de matérias publicadas sobre a Amazônia. Assim chegamos, inicialmente, à lista de seis jornais: *Le Figaro e Le Monde Diplomatique* (França); *The Times e The Guardian* (Inglaterra); e, *The New York Times e USA Today* (EUA). Quanto ao recorte temporal, a pesquisa se limitou aos anos de

2007, 2008 e 2009. Não houve razão específica para esta escolha. Queríamos apenas dar conta do maior intervalo de tempo possível.

Iniciamos a análise deste material, mas percebemos que havia imprecisões e disparidades nos resultados. Por isso todos os dados foram cuidadosamente revisados, e concluímos que o *corpus* deveria ser reconstruído, pois as critérios de busca usados para cada jornal não estavam perfeitamente afinados entre si, resultando em um *corpus* inconsistente que nos levou a resultados não correspondentes à realidade. Assim, esse *corpus* precisou ser refeito, obedecendo a critérios que eliminaram as possibilidades de imprecisão. Desta forma, as pretensões iniciais de analisar seis veículos se afiguraram inviáveis temporalmente – dado o elevadíssimo número de publicações que deveríamos estudar (seriam mais de duas mil matérias). Decidimos reduzir pela metade a abrangência do *corpus*, selecionando apenas um jornal de cada país. Escolhemos então o *The New York Times*, o *The Times* e o *Le Figaro*, que seguem linhas editoriais relativamente afinadas entre si.

Delimitado novamente o *corpus*, buscamos nos arquivos online de cada jornal as palavras-chave referentes à Amazônia nas respectivas línguas (*Amazônia*, *Amazon* e *Amazonian* nos de língua inglesa; e ‘*Amazonie*’ no de língua francesa⁵). As buscas finais foram realizadas nos meses de maio e junho. Chegamos a um *corpus* final com 523 matérias jornalísticas. Esse *corpus* foi, em seguida, analisado quantitativamente. Para isso, identificamos em cada texto os seguintes elementos: título; jornal; data; autor e sua qualificação; origem geográfica; gênero; editoria; tema; enfoque; presença ou não de imagem; fontes e suas qualificações; e tamanho do texto. Inicialmente, idealizamos uma análise tanto quantitativa como também qualitativa. Entretanto, percebemos que não haveria tempo para as duas tarefas – devido à inesperada reconstrução do *corpus*. Optamos então por concentrar o trabalho apenas nos resultados quantitativos, de forma a que, mais tarde, outros pesquisadores pudessem, a partir destes dados, proceder a uma análise qualitativa abrangente.

7 RESULTADOS

Após a coleta e análise quantitativa dos dados referentes às publicações sobre a Amazônia nos veículos selecionados, chegamos ao resultado de 523 matérias que traziam a palavra-chave Amazônia (nas respectivas línguas) em algum momento do texto. Destas, 235 eram do *The New York Times*; 246 do *The Times*; e 42 do *Le*

⁵ Após a revisão do *corpus* inicial, voltamos a pesquisar pelos três termos de busca no jornal francês. Mas este havia fechado o acesso gratuito aos seus arquivos, de forma que a pesquisa não pode ser concluída de forma equânime nos três veículos. Portanto eles não podem, com base nos dados obtidos deste trabalho, ser comparados de igual para igual. Decidimos manter os resultados encontrados na primeira busca no jornal francês apenas como informações complementares.

Figaro. Mas deste total, as que traziam a Amazônia como tema central eram apenas 108 (74 no *The New York Times*, 25 no *The Times* e 9 no *Le Figaro*). Os gráficos 1 e 2 ilustram esses dados em percentuais.

GRÁFICO 1 – *Distribuição por jornal das 523 matérias disponíveis nos arquivos online referentes à Amazônia, no período 2007-2009.*

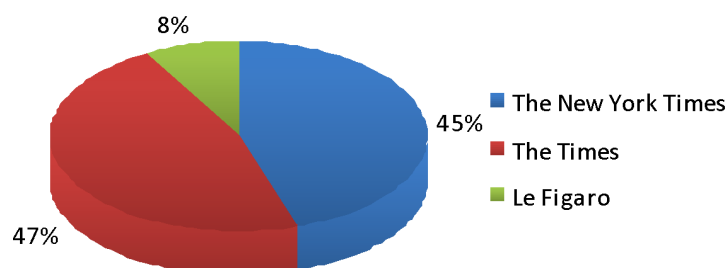
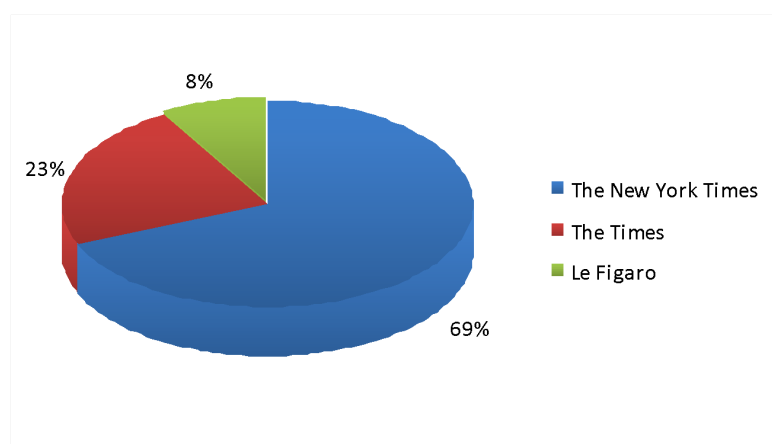
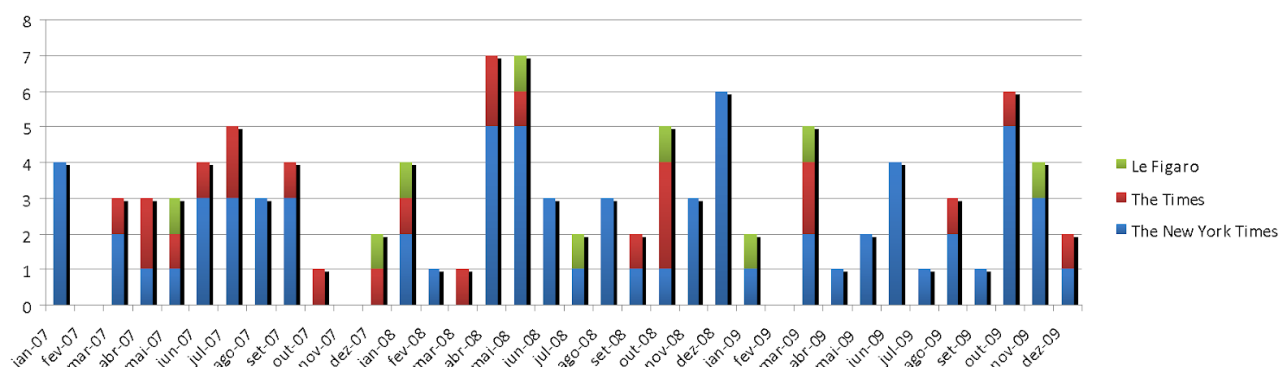


GRÁFICO 2 – *Distribuição por jornal das 108 matérias em que a Amazônia é tema central, disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados no período 2007-2009.*



Os resultados elencados abaixo se baseiam nos números do GRÁFICO 2. Isto é, o recorte da pesquisa limita-se ao conjunto das 108 matérias – publicadas nos três veículos – em que a Amazônia é tema central. O primeiro dado interessante que se desvela refere-se à distribuição temporal das publicações, conforme o GRÁFICO 3.

GRÁFICO 3 – *Distribuição temporal das matérias publicadas sobre a Amazônia disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados, no período 2007- 2009.*

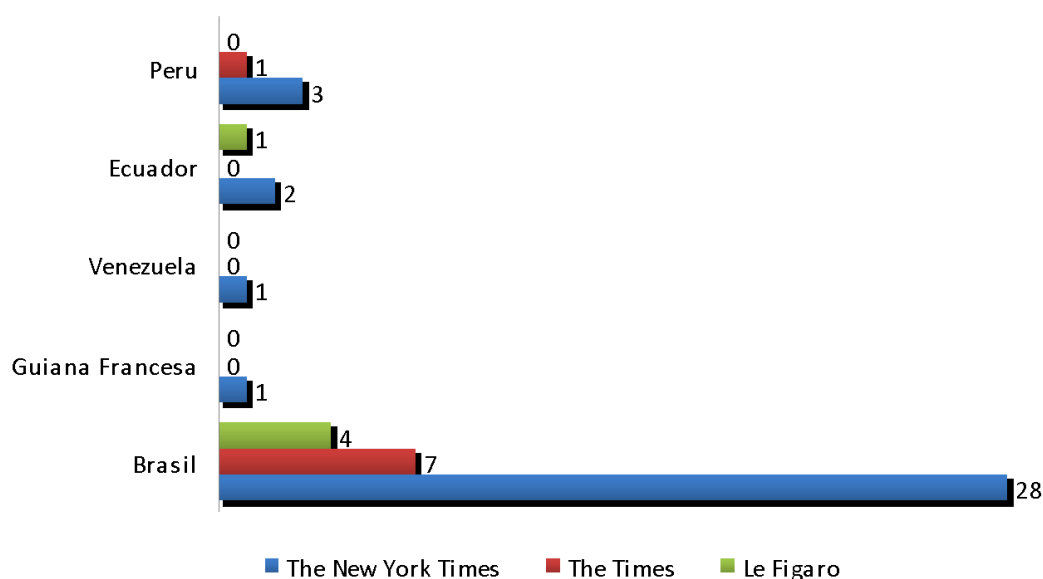


Quanto aos autores das matérias, constatou-se que a grande maioria deles (mais de 90%) eram jornalistas (generalistas ou não). No caso do *The New York Times*, encontramos um número considerável de jornalistas (58,3%) que tinham também formação específica em outras áreas, especialmente em áreas de ciências. Nos outros veículos, esta informação não pode ser averiguada devido à indisponibilidade de informações a respeito dos autores nos arquivos online.

Surpreendentemente, as matérias oriundas de agências de notícias, publicadas nos três veículos, totalizaram apenas 14% do total.

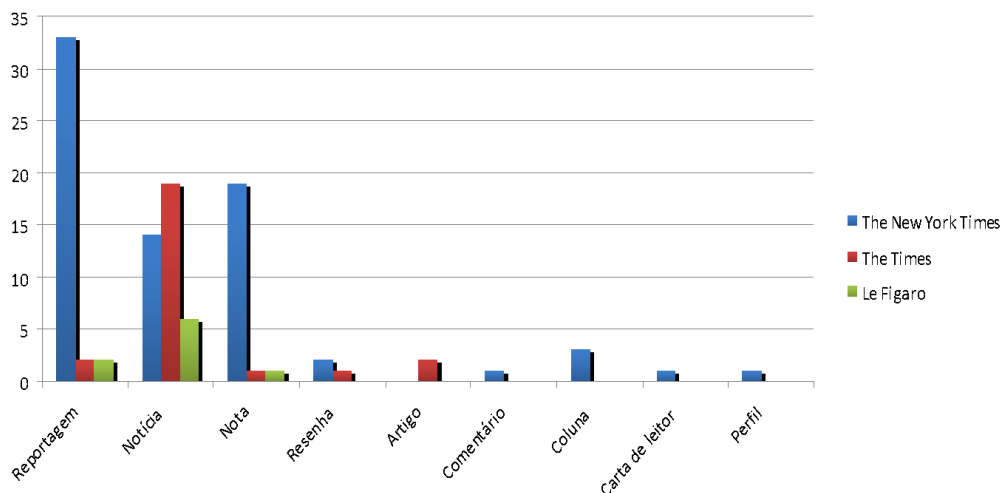
Outro dado interessante que deriva de nossa análise é a distribuição geográfica da produção jornalística referente à Amazônia, conforme ilustra o GRÁFICO 4.

GRÁFICO 4 – Distribuição geográfica das matérias publicadas sobre a Amazônia disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados (2007-2009).



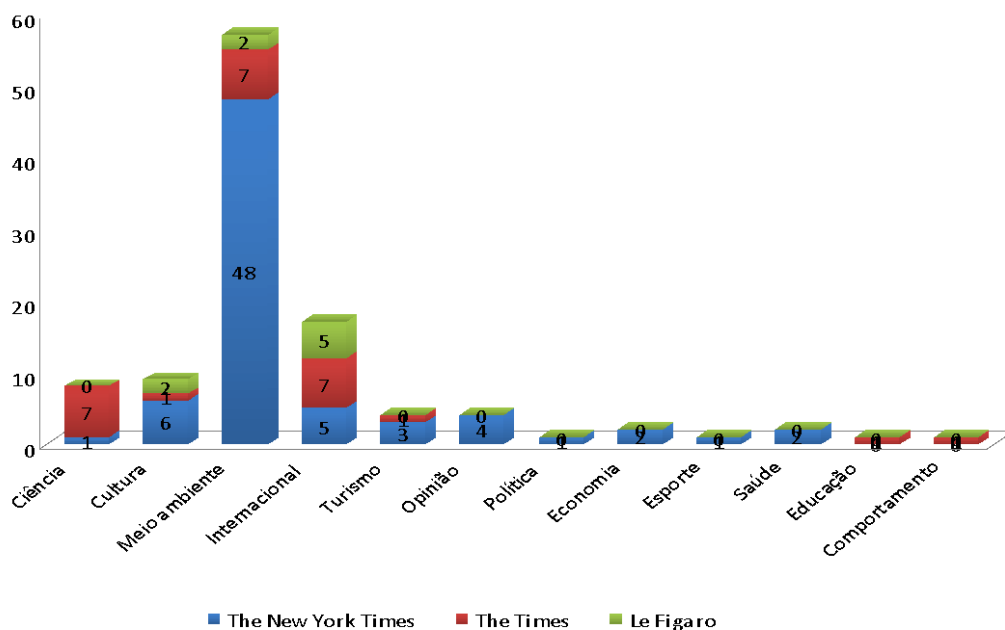
Os gêneros jornalísticos identificados neste *corpus* são bastante diversificados. Mas, como esperávamos, reportagens e notícias se destacaram.

GRÁFICO 5 – Distribuição dos gêneros jornalísticos identificados nas matérias publicadas sobre a Amazônia disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados (2007- 2009).



Para quantificar as editorias em que os jornais publicaram os textos, adotamos o seguinte procedimento metodológico: como cada veículo tem suas próprias editorias, com seus nomes distintos, decidimos após a leitura dos textos criar editorias equivalentes na língua portuguesa. Assim foi possível comparar de forma equânime as publicações dos três jornais, o que resultou no GRÁFICO 6:

GRÁFICO 6 – Classificação por editoria das matérias publicadas sobre a Amazônia disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados (2007- 2009).

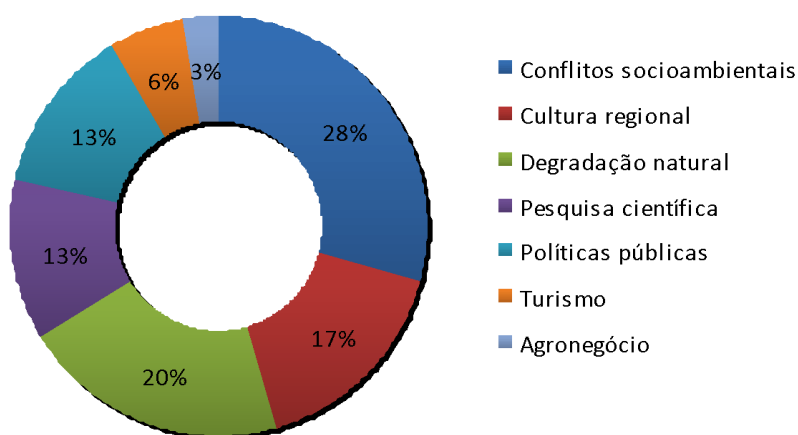


Entre os resultados centrais desta pesquisa podemos citar a identificação dos principais temas que emergem das publicações analisadas. Após a leitura do material, constatamos a presença de sete principais categorias temáticas. São elas: 1) *conflitos*

socioambientais (tudo que, de alguma forma, se relaciona a disputas e contradições sociais, ambientais, ecológicas, humanas, enfim, tudo que nos faz pensar na Amazônia como um palco de disputa entre diferentes interesses, ideologias e visões de mundo); 2) *cultura regional* (entendendo cultura no sentido antropológico pleno, significando, sobretudo, 'modos de vida'); 3) *degradação natural* (remetendo às questões de fundo ecológico em que a destruição da natureza é a trama central); 4) *pesquisa científica* (categoria em que as práticas acadêmicas e pesquisas científicas nas mais diversas áreas, são a abordagem central); 5) *políticas públicas* (categoria em que se enquadram ações e políticas governamentais que visam trabalhar demandas do cenário social); 6) *turismo* (categoria que identifica os textos focados na exploração da indústria do turismo na região); 7) *agronegócio* (categoria focada na produção agrícola em larga escala que protagoniza o 'desenvolvimento' da região amazônica).

Identificamos ainda categorias de menor relevância, que, apesar de residuais, não puderam ficar de fora da quantificação. São elas: 1) *acidente aéreo* (matérias a respeito de acidentes aéreos ocorridos na região); 2) *educação* (matérias em que educação ou políticas pedagógicas figuravam como tema central); 3) *ética* (categoria criada para atender a uma única matéria, referente a um conflito ético, que não se enquadrava em outra categoria estabelecida); 4) *mídia e violência* (criada para atender também a uma única publicação que não se enquadrava em nenhuma outra). Com estas categorias temáticas, foi possível criar o seguinte gráfico:

GRÁFICO 7 – *Categorias temáticas das matérias publicadas sobre a Amazônia disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados (2007- 2009).*



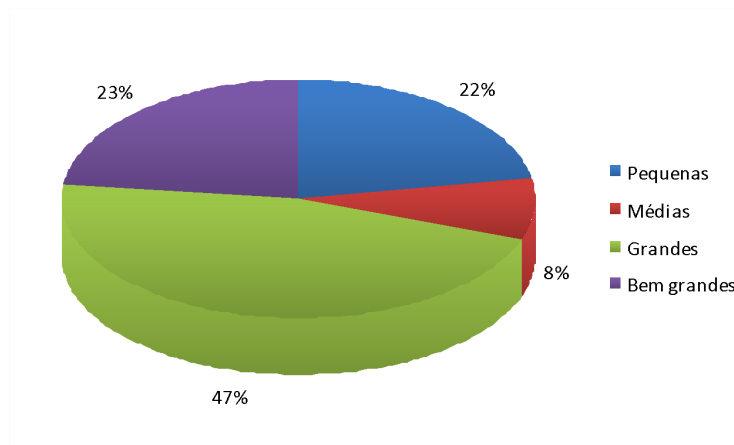
Nas cinco categorias mais recorrentes, identificamos ainda uma série de subcategorias, de acordo com o enfoque da publicação. Dentro de *conflitos socioambientais*, as principais subcategorias foram: *energia* (9 publicações);

agropecuária (8 publicações); *povos da floresta* (3 publicações); *internacionalização* (2 publicações); e com uma publicação cada as subcategorias *biopirataria*, *desmatamento*, *conservação*, *mudança climática*, *caça ilegal*, *obras*, *cultura regional*, *política*. Já em *cultura regional*, as subcategorias foram as seguintes: *povos da floresta* (11 publicações) e com uma publicação cada as subcategorias *conservação*, *economia*, *medicina*, *tecnologia*, *tráfico de drogas*. Na categoria *degradação natural*, temos: *desmatamento* (18 publicações) e as subcategorias *povos da floresta*, *pecuária* e *mineração*, cada uma das três com (1 publicação). Na categoria *pesquisa científica*, os resultados são: *biodiversidade* (7 publicações); *mudança climática* (4 publicações); *meteoritos* (1 publicação) e *clima* (1 publicação); b. Na categoria *políticas públicas*, as subcategorias identificadas foram: *povos da floresta* (6 publicações); *conservação* (3 publicações); *energia* (2 publicações); *conflitos socioambientais e degradação natural* com 1 publicação cada.

No universo de todas as matérias, 64% delas estavam acompanhadas de alguma forma de ilustração – sejam mapas ou fotografias.

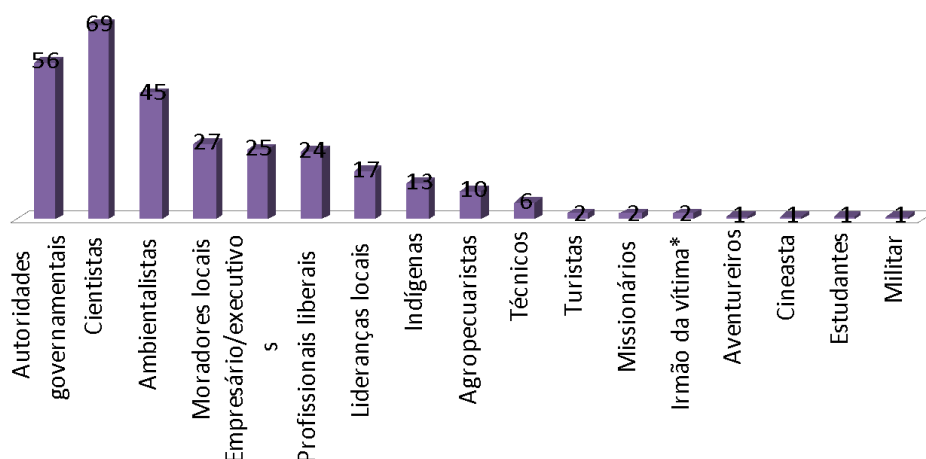
O tamanho de cada matéria também foi objeto de quantificação. Classificamos cada texto em *pequeno* (até 1.000 caracteres), *médio* (entre 1.001 e 2.500 caracteres), *grande* (entre 2.501 e 7.000 caracteres) e *bem grande* (acima de 7.001 caracteres). Assim chegamos aos resultados mostrados no seguinte gráfico:

GRÁFICO 8 – Tamanho das matérias sobre a Amazônia disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados (2007- 2009).



Quanto ao total de fontes (360) consultadas pelos jornalistas que redigiram as matérias que integram nosso *corpus*, quantificamos em *personais* (296), *institucionais* (35) e *documentais* (29). Quanto às fontes pessoais, quantificamos ainda as categorias a que elas pertenciam, e assim obtivemos o GRÁFICO 9.

GRÁFICO 9 – Qualificação das fontes pessoais consultadas nas matérias sobre a Amazônia disponíveis nos arquivos online dos jornais pesquisados (2007-2009)



Estes foram alguns resultados obtidos. É importante ressaltar que, muito provavelmente, estes números não correspondem à totalidade das matérias sobre a Amazônia veiculadas nos três veículos nos três anos analisados. Afinal, nosso *corpus* se baseia no material disponível nos arquivos online de cada jornal – e não se pode afirmar que toda a produção noticiosa foi de fato postada nos respectivos sites. Mesmo cientes dessa ressalva, consideramos nosso *corpus* bastante representativo.

8 DISCUSSÃO

Com base em nosso *corpus*, podemos traçar um comparativo bastante preciso entre os jornais *The New York Times* e *The Times*, no que tange à cobertura referente à Amazônia. Afinal, o material coletado dos dois veículos está perfeitamente alinhado de acordo com os mesmos critérios. O mesmo não pode ser dito a respeito do *Le Figaro*, uma vez que os mecanismos de busca por palavra-chave não permitiram chegar a um número significativo de publicações do jornal francês para que ele pudesse ser comparado de forma justa com os demais. Assim, as comparações que podem emergir destes resultados são unicamente entre os jornais americano e inglês.

É interessante notar que, em números absolutos, as publicações do *The Times* superam as do *The New York Times*. São 246 matérias do jornal britânico, contra 235 do americano. Entretanto, quando analisamos o número de publicações em que a Amazônia é tema central, o americano dispara na frente. São 74 contra 25.

O próximo aspecto que chama a atenção se refere à origem dos textos. Prática muito comum no jornalismo internacional é valer-se do material jornalístico produzido pelas agências de notícia. Por isso esperávamos encontrar um elevado número de

matérias de agências, o que não se confirmou: um percentual muito baixo das matérias avaliadas é oriundo de tais agências. Isto é, a grande maioria das publicações sobre a Amazônia – um tema internacional em relação aos países de origem dos jornais estudados – foi produzida pela equipe dos próprios veículos.

Quanto à origem geográfica das matérias, é interessante notar que mais de metade (56%) foi produzida nas proximidades do território amazônico. Este número remete a uma análise paradoxal: por um lado, ele reflete um valor positivo, que é o fato de mais de metade dos jornalistas que escreveram sobre a Amazônia estavam em locais próximos ao território em questão (ainda que o ‘próximo’ seja São Paulo ou Rio de Janeiro). Por outro lado, ele reflete uma prática não-digna de elogios: boa parte dos textos (44%) foram produzidos por jornalistas que não experimentaram a realidade sobre a qual escrevem. Ainda assim, em se tratando de jornalismo internacional, esses números chamam a atenção, pois, em geral, a cobertura de temas distantes raramente conta com o privilégio de uma reportagem *in loco*.

O estudo mostrou que a maior parte dos textos, nos três jornais, foi publicada nas respectivas editorias internacionais. Entretanto, nossa interpretação apontou que, em verdade, na maioria das vezes tratava-se de temas socioambientais. Assim, muito do material que os jornais classificaram como *internacional* nós classificamos como *meio ambiente*. Daí os resultados que obtivemos.

A distribuição temporal das matérias analisadas, conforme mostra o GRÁFICO 3 nos sugere interessantes ponderações. Os picos de publicações foram os meses de abril/2008, maio/2008, dezembro/2008 e outubro/2009. Imaginávamos que nestes meses haveria alguma lógica de agendamento por trás de tantas veiculações sobre a Amazônia em um mesmo período. Mas isto não se confirmou totalmente. Em abril/2008, por exemplo, mês com sete publicações, notamos que cada matéria tratava de um assunto distinto! Os temas foram muito variados: comportamento dos botos; caça ilegal de jacarés; encontro de povos indígenas para discutir mudanças climáticas; apreensão de madeira ilegal; descrição da amizade de um norte-americano com um indígena; rituais de Santo Daime; drama de fazendeiros que antes eram ‘heróis’ e agora ‘vilões’... É no mínimo curioso constatar que tantas publicações não tiveram um eixo norteador, não seguindo, aparentemente, qualquer lógica de agendamento.

Já em maio/2008, outro mês com sete publicações, percebemos sim um assunto que saltou aos olhos da imprensa internacional: a descoberta de uma tribo isolada na floresta amazônica, na fronteira entre Brasil e Peru. As fotografias, tiradas de um helicóptero, ganharam no mesmo mês as páginas dos três jornais.

Dezembro/2008 foi outro mês com notável número de veiculações envolvendo a Amazônia – mas apenas no *The New York Times*. Foram seis matérias, mas,

novamente, todas referentes a assuntos distintos. Uma delas trata dos vinte anos da morte de Chico Mendes — este assunto pode ter servido de gancho, alavancando um número de publicações maior do que o usual, uma vez que Chico Mendes é um símbolo internacional da luta pela preservação da Amazônia.

Outubro/2009 seguiu uma lógica distinta. Apenas duas matérias, entre seis, (uma no *The New York Times* e uma no *The Times*) trataram do mesmo assunto: a relação pouco amistosa entre os povos tradicionais e a companhia petrolífera Chevron, no Equador.

Outros meses dignos de atenção são: maio/2007, janeiro/2008, maio/2008, outubro/2008, e março/2009. Estes meses não se destacam pelo número de publicações, mas pelo fato de que neles todos os jornais publicaram pelo menos uma matéria. Em maio/2007, foi o desenrolar do assassinato da missionária Dorothy Stang que conquistou espaço nos três jornais. Em janeiro/2008, o assunto comum foi um dado do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que apontava recorde de desmatamento para aquele período em relação a anos anteriores. Em maio/2008, o grande tema foi — como citado anteriormente — a descoberta de uma tribo indígena não-contatada. Já em outubro/2008, não identificamos nenhum assunto comum aos três jornais. Foi, ao que parece, mera coincidência todos eles terem publicado algum material sobre a Amazônia, pois não há relação aparente entre os textos. Por fim, março/2009 também foi um mês que se destacou pelas veiculações da questão da reserva indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima: o tema emergiu no *The New York Times* e no *Le Figaro*. Curiosamente, não no *The Times*. Este, por sua vez, publicou três textos: duas matérias laudatórias a respeito do príncipe de Wales, que, na ocasião, posava de engajado em causas ambientais; e uma matéria sobre previsões alarmistas feitas por cientistas no período. Outras análises podem ser realizadas com base nos dados resultantes desta pesquisa. Por ora, bastam as anteriormente citadas.

9 CONCLUSÕES

Quando o assunto é a Amazônia, a construção social de sentidos que deriva dos três jornais analisados reflete uma pluralidade muito acima da esperada. Pelo que constatamos e quantificamos, as temáticas presentes nestes veículos demonstram que os editores pressupõe que seus leitores têm acesso a um entendimento bastante razoável acerca da realidade amazônica, em sua vasta heterogeneidade.

Os resultados aqui resumidos apontam para algumas representações sociais que a imprensa internacional constrói sobre a Amazônia: ambiente que precisa de ajuda para não se descaracterizar; lugar onde há exploração indevida de recursos

naturais e mão de obra; abundância de riquezas naturais; terra de povos com culturas milenares; região onde não ocorre aplicação eficaz da legislação (“terra de ninguém”).

A Amazônia é, de fato, vista internacionalmente, a partir da leitura desses três jornais, como um palco de conflitos socioambientais. Na maioria dos textos há predominância de abordagens socioambientais, quase sempre legitimadas pela visão de cientistas, ambientalistas e autoridades políticas (estas foram as categorias de fontes que mais se destacaram no universo de publicações analisadas, permitindo-nos chegar a esta conclusão de forma segura). É interessante observar ainda que, mesmo que alguns repórteres venham para o Brasil e consultem fontes brasileiras, eles não experimentam a realidade sobre a qual estão escrevendo, a Amazônia — contentam-se com a fala daqueles que, supõe-se, dominam o assunto. A confiança nas fontes legitimadas, quase sempre, é maior do que a depositada na população que experimenta o dia a dia da região. Isso confirma a teoria trabalhada anteriormente: autoridades, por deterem poder político ou por dominarem uma área do conhecimento (no caso dos cientistas), têm peso maior nas notícias do que as “pessoas comuns”.

O interesse pela cultura regional amazônica também emerge de forma notável, em especial no que se refere aos povos indígenas.

E, como não se poderia deixar de constatar, a cobertura do jornal *The New York Times* foi, certamente, a mais plural e completa dentre os três jornais — maior abrangência de temas, maior espectro de fontes, maior número de publicações aprofundadas, maior número de publicações oriundas da região amazônica.

São estas apenas algumas das considerações finais que podem ser elencadas com base nos dados trabalhados ao longo dos últimos meses. Retratar a realidade Amazônica é tarefa desafiadora; e, igualmente desafiadora é a empreitada de delinear o perfil deste imenso retrato na mídia impressa internacional. Sendo assim, este estudo terá continuidade, agora em seus aspectos mais qualitativos.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRETTI, Mary. **Múltiplas Amazônias**. Curitiba: Mimeo, 2008.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**. São Paulo: Moderna, 1995.

CELENTANO, D; VERÍSSIMO, A.. **O avanço da fronteira na Amazônia: do boom ao colapso**. Belém: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, 2007.

DAVIS. Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

GODELIER, M. A parte ideal do real. In: CARVALHO, E. (org) **Godelier – Antropologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1981.

JOVCHELOVITCH, S. Re(des)cobrimdo o outro. In: ARRUDA, A. (org). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEITE, Marcelo. **A floresta amazônica**. São Paulo: Publifolha, 2001.

LIMA, E. de S. **A importância da mídia na conscientização ambiental**. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_ambiental/artigo2.php>. Acesso em: 05/10/2009.

MAZZARINO, Jane.. O agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental. In: **Revista Fronteiras**, jan/abril 2007, p. 53-63. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/3155/2965>>. Acesso em: 05/10/2009.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (orgs) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PÁDUA, José Augusto. Biosfera, história e conjuntura na análise da questão amazônica. In: **História, ciência, saúde Manguinhos**. V. 6, Rio de Janeiro, Set 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702000000500003&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 03/09/2009.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Por que as notícias são como são. Vol I. Florianópolis: Insular, 2004.

_____ (org) **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

VERDÚ, C.e P. La noticia como unidad de análisis. In: **Desigualdad entre las naciones y noticias internacionales**. Alicante: Universidad de Alicante, 1998. Tese de doutorado. p. 127-165. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=2792&ext=pdf&portal=0>>. Acesso em: 15/09/2009.

11 – RELATÓRIO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

O cronograma inicial previa o término das análises quantitativas até o início de abril/2010. Mas após revisão cuidadosa do material coletado até então, percebemos que o *corpus* deveria ser parcialmente reconstruído. Assim, a atividade planejada para os meses seguintes – a análise de conteúdo do material – foi descartada, pois não haveria tempo hábil para executá-la. Optou-se pela maior precisão e abrangência dos dados quantitativos. Desta pesquisa ainda não resultou nenhuma publicação, mas um artigo deverá ser escrito em breve. Como atividades complementares, foram desenvolvidos dois seminários com a antropóloga Lúcia Helena de Oliveira Cunha (do curso de doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR). Foram eles As

múltiplas Amazônia e Representações Sociais. A apresentação de trabalho sobre a pesquisa já foi aceita e será apresentado no II Encontro de Pesquisa em Comunicação da UFPR, realizado no período de 25 a 27 de agosto, em Curitiba, PR.

12 – APRECIÇÃO DO ORIENTADOR SOBRE:

1. Relatório científico e desempenho do bolsista no projeto.

Entendo que o relatório apresentado pelo aluno está bastante completo e demonstra o seu grande interesse e desempenho como bolsista no projeto. O aluno trabalhou durante um ano como bolsista voluntário, tendo passado a receber bolsa remunerada apenas em abril de 2010, quando outra estudante bolsista colou grau. Apesar do voluntariado na maior parte do período da pesquisa, sempre mostrou disposição, cooperação e grande interesse no processo, estando atento aos procedimentos metodológicos de pesquisa e às leituras teóricas sugeridas.

2. Desempenho acadêmico do bolsista, acompanhado do histórico escolar.

O bolsista Henrique Belache Kugler é aluno com excelente desempenho acadêmico, conforme pode ser comprovado pelo histórico escolar anexo; é atualmente meu orientando também no Trabalho de Conclusão de Curso. Na pesquisa de Iniciação Científica, cumpriu 100% de frequência, demonstrando muito interesse e iniciativa em pesquisa jornalística e científica. Também soube trabalhar em estreita colaboração com o orientador e com outra aluna bolsista. Revelou valores de liderança em pesquisa, dedicação na investigação e perfil questionador em trabalhos de grupo.

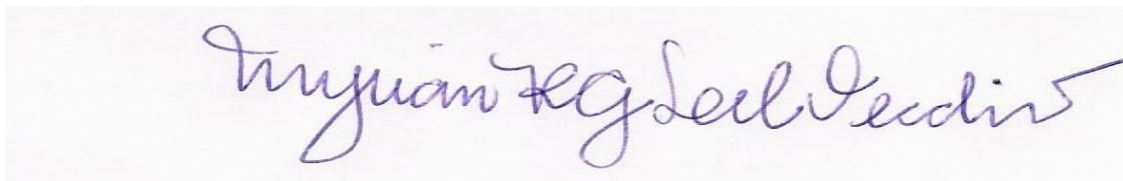
3. No caso do bolsista estar terminando o curso de graduação, informar suas pretensões futuras:

O bolsista, que frequenta atualmente o quarto ano do curso de jornalismo, já atua como estagiário, há mais de um ano, na revista de divulgação científica Ciência Hoje, da SBPC, onde tem publicado, em âmbito nacional, diversas matérias de jornalismo científico de excelente qualidade. Pretende fazer um outro curso de graduação, provavelmente Geografia, como complemento à sua formação acadêmica e, futuramente, cursar um mestrado no exterior.

13 – DATA E ASSINATURAS DO BOLSISTA E ORIENTADOR



Henrique Belache Kugler



Myrian Regina Del Vecchio de Lima

Agosto de 2010